

## **PROJETO CAPOEIRA NO CHÃO DA ESCOLA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA REDE MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA, A PARTIR DA PRÁTICA DE UM EDUCADOR - CAPOEIRISTA**

MENDES, José Wilson de Souto <sup>1</sup>  
COSTA, Dalva Maiza Medeiros Costa <sup>2</sup>

### **RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo relatar de maneira reflexiva a experiência do autor, trabalhando com a capoeira no espaço escolar, de maneira integrada ao projeto pedagógico e curricular da escola. Este tema surgiu da necessidade de refletir esta experiência, a partir da vivência do autor, no âmbito do Projeto Capoeira no Chão da Escola, implantado desde 2022, na rede municipal de João Pessoa-PB, discutindo o papel da capoeira enquanto rica manifestação da cultura afro-brasileira e o seu potencial formativo, enquanto instrumento educacional inserida no contexto da educação escolar, apresentando as contribuições, potencialidades e desafios vivenciados nesta experiência. A metodologia utilizada foi o relato de experiência reflexivo, a partir da participação do autor no Projeto “Capoeira no Chão da Escola: Gingando entre Saberes”, implementado na rede municipal de João Pessoa-PB em 2022, relacionando com as contribuições de autores como Candau (2000), Munanga (2005), Almeida (2019), entre outros, assim como os documentos oficiais e legais pertinentes ao tema da inserção da cultura africana e afro-brasileira no currículo das escolas. Os resultados mostraram que a capoeira, apesar das barreiras enfrentadas, contribui significativamente na formação cidadã dos alunos e alunas participantes, na perspectiva da educação antirracista, e que seu rico potencial formativo pode e deve ser explorado ainda mais pela educação escolar.

**Palavras-chave:** Cultura Afro-brasileira, Capoeira, Currículo escolar, Educação antirracista.

### **INTRODUÇÃO**

Inserir a capoeira no currículo das escolas da rede municipal de João Pessoa, sempre foi um desejo do movimento dos capoeiristas e das capoeiristas da cidade, tendo em vista os bons resultados obtidos nas diversas práticas por eles desenvolvidas nos espaços não-escolares, especialmente nas periferias, com a capoeira, ao longo de muitos anos.

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Pedagogia do Centro Universitário UNIESP, professor de Capoeira - [guerreiroidealcapoeira@gmail.com](mailto:guerreiroidealcapoeira@gmail.com);

<sup>2</sup> Orientador do Trabalho: Mestra em Educação, Professora do IFPB- Instituto Federal de Educação da Paraíba – [maiza.medeiros@ifpb.edu.br](mailto:maiza.medeiros@ifpb.edu.br)

No ano de 2022, a partir de uma parceria do movimento dos capoeiristas e das capoeiristas da cidade de João Pessoa com a Secretaria Municipal de Educação – SEDEC, foi dado início à implementação do projeto “Capoeira no Chão da Escola: Gingando Entre Saberes”. A proposta tem sido pioneira na cidade e, apesar do pouco tempo de implementação, já vem causando impactos nas escolas onde está sendo desenvolvida.

Neste artigo, pretendemos relatar a nossa experiência enquanto educador-capoeirista participante do Projeto, com o objetivo de compartilhar nossa prática e refletir suas contribuições, potencialidades e também desafios.

## **METODOLOGIA**

A tessitura deste trabalho consistiu na elaboração de um Relato de Experiência, de cunho descritivo e reflexivo, com abordagem qualitativa, relacionado à prática desenvolvida no âmbito do projeto “Capoeira no chão da escola: gingando entre saberes”, o qual encontra-se em andamento na rede municipal de João Pessoa, tendo iniciado suas ações no ano de 2022, abrangendo doze escolas de tempo integral.

De acordo com Josso (2004, p. 48):

Vivemos uma infinidade de transações, de vivências; estas vivências atingem o *status* de experiências a partir do momento que fazemos um certo trabalho reflexivo sobre o que se passou e sobre o que foi observado, percebido e sentido.

Assim, tomando a experiência que vem sendo desenvolvida como o ponto de partida, o relato de experiência permite a apreciação crítica das práticas, intervenções e resultados alcançados. Para sua elaboração, seguimos as recomendações de Ludke e Cruz (2010): no Relato de Experiência, além da qualidade da escrita, exista uma preocupação com o conteúdo abordado, o qual deve não ser superficial, não deixar relatos da prática subentendidos, e nem constar excessivamente uma discussão bibliográfica, e deve constar os aspectos positivos e negativos da experiência vivenciada.

O recorte temporal do relato se deu no período de um ano letivo, entre os meses de março a dezembro de 2022. Para a obtenção das informações, recorremos às memórias e relatórios do período delimitado pelo recorte temporal da pesquisa, bem como a alguns materiais arquivados pelo autor: planos de aula, fotografias, anotações de observações, etc

## REFERENCIAL TEÓRICO

Falar da capoeira requer fazer um percurso pela história do Brasil. Surgida nos primórdios de nossa colonização, a capoeira nasce vinculada à vida e à luta de resistência de um povo, e a sua história reflete as várias transformações pelas quais passou a sociedade brasileira em diversas épocas, desde a colonização até os dias atuais.

Diversos estudos sobre a história do Brasil, apoiados em autores como Darcy Ribeiro (1995) e Caio Prado Júnior (2008), nos mostram que, desde a colonização portuguesa em 1500, o processo de ocupação do nosso território e de formação da nossa sociedade se apoiou no tripé: exploração de nossas riquezas materiais, tráfico e escravização humana e dominação cultural estrangeira.

Mestre Pastinha (1889-1981), um dos maiores mestres da Capoeira, responsável pela sistematização da Capoeira Angola, a chamava de “mandinga de escravo em ânsia de liberdade”, caracterizando-a como uma atitude de afirmação da liberdade desde a sua gênese. (BREDA, 2019).

Dada a sua origem, junto ao movimento de resistência dos povos negros escravizados, a capoeira seguiu marginalizada, perseguida e, em alguns momentos, até proibida em nosso país. Só mais recentemente, a capoeira vem alcançando o reconhecimento de sua relevância, tanto por seu valor histórico e cultural, quanto por seu valor educacional, tendo sido reconhecida pela Unesco como Patrimônio Imaterial da Humanidade no ano de 2014.

Na cidade de João Pessoa, a capoeira começa a se organizar enquanto movimento, a partir dos anos 90. Desde essa época, diversas ações educativas vêm sendo desenvolvidas por capoeiristas ligados a diversos grupos, escolas e associações, em toda a cidade, geralmente de forma voluntária, junto a espaços de educação informal, como ONGS, associações e movimentos sociais.

Na rede regular de ensino, diversas vezes foram feitas propostas para inserção da capoeira integrada à proposta curricular, porém nunca tivemos êxito nas negociações com o poder público municipal, que não compreendia o seu valor educacional. Muitas vezes, as gestões das escolas limitam-se a ceder um espaço físico em suas instalações, para que os capoeiristas e as capoeiristas pratiquem suas atividades, no entanto, sem nenhum vínculo com a rede e, muito menos, integrada à proposta pedagógica das escolas.

Segundo Candau (2000), a escola reflete no seu cotidiano esta sociedade que ainda transpira preconceitos étnicos, de classe, de gênero, orientação sexual, lugar geográfico, geração, diversidade religiosa, entre outros. Neste sentido, compreendemos que o preconceito e o racismo institucional<sup>3</sup> e estrutural<sup>4</sup> enraizados em nossa sociedade são responsáveis pela desvalorização da capoeira e pelo desconhecimento dos seus benefícios, especialmente no campo escolar.

Visando enfrentar o racismo e o preconceito, o processo de ensino e aprendizagem da capoeira nas escolas, atualmente, busca articular-se com as dimensões da educação popular, da educação antirracista e decolonial.

Existem várias discussões a respeito do conceito de educação popular, aqui nos referimos a um dos conceitos explicitados por Brandão (2006) o qual remete ao movimento que emerge de um trabalho político com as classes populares através da educação; complementado pelo conceito apresentado no documento Marco de Referência da Educação Popular para as Polícias Públicas, publicado em 2014:

A educação popular a um só tempo é uma concepção prático-teórica e uma metodologia de educação que articula os diferentes saberes e práticas, as dimensões da cultura e dos direitos humanos e o compromisso com o diálogo e o protagonismo das classes populares nas transformações sociais.

As perspectivas decolonial e antirracista inserem-se nas discussões curriculares vinculadas às teorias pós-críticas do currículo, as quais, de acordo com Silva (2010), enfatizam que o currículo não pode ser compreendido sem uma análise das relações de poder nas quais ele está envolvido. Mas, para estas teorias, é preciso analisar não só o poder que tem um único centro, como o Estado, por exemplo, ou na correlação entre as classes sociais, mas o poder que está espalhado em toda a rede social, nos processos de dominação centrados na raça, na etnia, no gênero e na sexualidade.

A decolonialidade remete à necessidade de contemplar os conhecimentos não apenas a partir dos princípios e conceitos eurocêntricos. Enquanto a educação antirracista

---

<sup>3</sup> Sob esta perspectiva, o racismo não se resume a comportamentos individuais, mas é tratado como o resultado do funcionamento das instituições, que passam a atuar em uma dinâmica que confere, ainda que indiretamente, vantagens e privilégios com base na raça.

<sup>4</sup> Neste prisma, o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares.

visa contemplar no interior das escolas a discussão acerca das relações raciais no Brasil, bem como de nossa diversidade racial.

No Brasil, a partir da luta do movimento negro, estas práticas, discussões e conhecimentos foram construindo um corpo teórico e metodológico que adentraram o espaço das escolas nas últimas décadas, especialmente com a instituição da Lei 10.639/2003, a qual determinou a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura africana, afrobrasileira e indígena nas escolas brasileiras; e, das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico Raciais, visando fortalecer o reconhecimento e valorização da identidade, história e cultura dos afro-brasileiros (BRASIL, 2004)

É apoiada nesse contexto, que a capoeira tem chegado em algumas escolas e universidades no Brasil, constituindo-se como oportunidade de vivência desta manifestação cultural afrobrasileira, inscrevendo-se aí o Projeto “Capoeira no Chão da escola: gingando entre saberes”, o qual é objeto deste relato.

## **RELATO DE EXPERIÊNCIA**

O Projeto “Capoeira no Chão da Escola: gingando entre saberes” foi elaborado coletivamente pelo movimento dos capoeiristas e das capoeiristas de João Pessoa, num processo dialógico, seguido de uma etapa bastante complexa de articular a parceria com a secretaria de educação e a prefeitura municipal.

Vencida essa etapa e após um processo de seleção dos educadores-capoeiristas, foi dado início em 2022 as ações do Projeto, visando atender os alunos e as alunas matriculados/as nas escolas de Tempo Integral da rede municipal de ensino de João Pessoa.

Inicialmente, o Projeto foi implantado em 12 escolas, cada uma com um educador-capoeirista, todos supervisionados diretamente por uma coordenação eleita pelo movimento, a qual também tem como atribuição a relação direta com a Secretaria de Educação, no que se refere às questões do Projeto.

No ano de 2022, o autor desenvolveu o seu trabalho na Escola Municipal Luiz Augusto Crispim, localizada no Bairro dos Ipês. Desde o início, fomos bem recebidos pela direção e pela equipe de especialistas da escola, embora esta não tenha sido a realidade em todas as escolas nas quais o Projeto foi implantado.

A atividade na Escola se deu com as turmas dos 3<sup>os</sup> anos, numa faixa etária entre

8 a 10 anos. São meninas e meninos com diversas dificuldades de aprendizagem, a maioria moradores de comunidades como Mandacaru e Ipês, sendo uma boa parte às margens do manguezal e da linha do trem.

O primeiro contato que tiveram com a capoeira na escola foi bem impactante para eles e para toda a equipe pedagógica, porque a maioria pensava que íamos partir logo para a atividade física, com as acrobacias, golpes e musicalidade, e não imaginavam que, antes disso, íamos abordar em sala de aula todo um processo de apresentarmos as origens de nossa luta capoeira, fortalecendo os aspectos históricos, para que todas e todos participassem das atividades e assim atingíssemos os nossos objetivos.

Ainda no espaço da sala de aula, trabalhamos a circularidade enquanto recurso metodológico que propicia o diálogo e a troca de experiências, promovendo reflexões sobre situações de preconceitos que aconteciam entre as próprias crianças no seu cotidiano, as quais inicialmente apresentavam atitudes discriminatórias entre si mesmos, utilizando palavras e expressões inadequadas umas com as outras, como “neguinho”, “cabelo ruim”, “macumbeira”, etc.

Segundo Munanga (2005), diante das situações de racismo, se faz necessário dialogar com os alunos, explicando que o respeito a diversidade não é um fator de superioridade, mas de complementação; e em seguida, auxiliar os alunos vítimas de preconceitos a terem orgulho de suas características.

Também trabalhamos algumas personalidades negras que contribuíram nas lutas históricas pela libertação, como Zumbi dos Palmares, Dandara e Ganga Zumba. A partir das cantigas da capoeira, desenvolvemos atividades de letramento com a escrita e a leitura de palavras de origem afrobrasileira e tupi-guarani, como: capoeira, berimbau, caxixi, cabaça e outras.

Os resultados começaram a surgir de maneira muito imediata, com um processo visível de construção de identidade, de sentimento de pertencimento e de empoderamento e autoestima, especialmente entre as meninas que passaram a ter orgulho de seus cabelos crespos. Notamos também mudanças que repercutiram nas famílias dos educandos e educandas, quando algumas mães vieram relatar que eram de religião de matriz africana e que antes tinham vergonha de assumir isso.

Outro aspecto que também trabalhamos, especificamente na parte física, foi o ensino dos movimentos da capoeira, a partir das brincadeiras conhecidas pelos alunos e alunas, o que ajudou a desconstruir a resistência daqueles que achavam que a capoeira não era pra eles.

Podemos considerar que, de uma maneira geral, foi visível a melhora nos comportamentos e inclusive refletiu no rendimento escolar dos alunos e das alunas que participaram da capoeira, fato este muito elogiado pelas famílias e pelo corpo de especialistas da escola.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com o presente artigo, procuramos relatar e refletir a experiência do autor no âmbito do Projeto “Capoeira no Chão da Escola”, enquanto educador-capoeirista, desenvolvendo o ensino de capoeira no espaço escolar, de maneira integrada à proposta pedagógica. As reflexões suscitadas nos fizeram reafirmar ainda mais a certeza que trazíamos do potencial formativo e educativo da capoeira e a importância de aproximar a educação escolar com essa arte.

Esta experiência reafirmou os benefícios proporcionados pela capoeira, contribuindo com a escola em seu objetivo de promover o desenvolvimento integral dos alunos e das alunas. Foi uma oportunidade para mostrarmos a importância de a educação escolar caminhar junto com as manifestações afrobrasileiras.

Temos a noção do pioneirismo da experiência e do quanto ainda pode e precisa ser feito neste sentido. A capoeira é uma fonte tão inesgotável de riquezas e saberes, que muito mais pode ser explorado e pesquisado em outros estudos. A certeza que temos é que ela precisa ser cada vez mais respeitada, sem preconceitos e reservas, tendo o reconhecimento de fato do seu valor e contribuição para uma sociedade mais justa, humana e democrática.

## **REFERÊNCIAS**

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular?** Ed. Brasiliense: São Paulo, 2006.

BRASIL. **Marco de Referência da Educação Popular para as Polícias Públicas**. Brasília-DF, 2014

BRASIL. **Lei nº 10.639/2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

BRASIL. RESOLUÇÃO Nº 1, DE 17 DE JUNHO DE 2004. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das relações Étnico Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

BREDA, Omri Ferradura. **Capoeira e educação libertária para formação de sujeitos autônomos – as práticas de ensino nas rodas de rua do Rio de Janeiro**. *Revista Educação Pública*, v. 19, nº 28, 5 de outubro de 2019. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/28/capoeira-e-educacao-libertaria-para-formacao-de-sujeitos-autonomos-r-as-praticas-de-ensino-nas-rodas-de-rua-do-rio-de-janeiro>

CANDAU, V.M. **Interculturalidade e educação escolar**. In: CANDAU, V.M. (org.) *Reinventar a escola*. Petrópolis. vozes, 2000

JOSSO, M. F. C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004

LÜDKE, M.; CRUZ, G. B. DA. Contribuições ao debate sobre a pesquisa do professor da educação básica. **Formação Docente – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores**, v. 2, n. 3, p. 86-107, 18 dez. 2010. Disponível em: <https://revformacaodocente.com.br/index.php/rbfpf/article/view/20/18>. Acesso em 10 de mar. 2023.

MARINHO, Ernandes Reis. **Um olhar sobre a educação rural brasileira** – Brasília: Universa, 2008

MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola**. 2ª ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

PRADO JUNIOR, Caio. **História Econômica do Brasil**. Ed. Brasiliense. São Paulo, 2008.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. Ed. Companhia das Letras: São Paulo, 1995.

Roda de Capoeira recebe título de Patrimônio Imaterial da Humanidade. Disponível em: <https://ufrb.edu.br/bibliotecacfp/noticias/342-roda-de-capoeira-recebe-titulo-de-patrimonio-imaterial-da-humanidade>. Acesso em 17/05/2023

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Autêntica Editora LTDA: Belo Horizonte, 2010.